

APROXIMAÇÕES ENTRE A BIBLIOTERAPIA E O TEATRO CLOWN: UMA REFLEXÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NO AMBIENTE HOSPITALAR¹

Approaches between bibliotherapy and clown theater: a reflection
on the librarian's activities in the hospital environment

Leticia Aurora de Almeida Grasselli

lelegrasselli@gmail.com

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Meri Nadia Marques Gerlin

merinadia@hotmail.com

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo.

RESUMO: Identifica as características existentes entre o teatro clown e a biblioterapia, sendo esta última prática assumida pelo bibliotecário no ambiente hospitalar. Entende a relação da terapia com a área de atuação da biblioteconomia, caracteriza a prática biblioterapêutica e do teatro clown no ambiente hospitalar e apresenta o contexto e atuação do teatro clown através da história do grupo Doutores da Alegria ao aproximá-la da prática biblioterapêutica, bem como, busca compreender qual é a contribuição do clown para o processo lúdico-biblioterapêutico. Para isso, realiza um estudo de natureza qualitativa, exploratória e documental. Através da realização da pesquisa conclui que a biblioterapia pode tornar-se mais dinâmica, interativa e efetiva absorvendo as técnicas do teatro clown.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioterapia. Teatro Clown. Leitura Terapêutica. Doutores da Alegria. Atuação Bibliotecária.

ABSTRACT: This work aims to discuss about therapy and its relation with library sciences, making a historical and conceptual overview about bibliotherapy. It narrates the story of clown theater and its artistic initiation, contextualizing the practice relating as an example the group Doutores da Alegria. It accomplishes approaches between bibliotherapy and clown theater in the hospital.

KEYWORDS: Bibliotherapy. Therapeutic Reading. Clown Theater. Doutores da Alegria.

¹

Artigo de revisão retirado do Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado no ano de 2016.

1 Introdução

Ao se depararem em situação de internação os sujeitos tendem a relatar a experiência com um discurso marcado por sequelas emocionais advindas da ambivalência de sentimentos ocasionados pela hospitalização, vida e morte, cura e sofrimento, alegria e tristeza; etc. (DIAS; BAPTISTA; BAPTISTA, 2003).

Pensando nisso, uma gama de profissionais multidisciplinares vem somando esforços para chamar a atenção para a importância da desconstrução desse quadro, requerendo alternativas terapêuticas que perpassam as convencionais, contribuindo para um cenário conhecido atualmente como “humanização hospitalar”. Humanização esta que, de acordo com Masetti (2005), conduz à implantação de brinquedotecas, momentos de contação de histórias etc. Como exemplo de estratégias que corroboram para a humanização hospitalar cita-se no presente artigo duas intervenções, que podem atuar tanto juntas como separadas: a prática terapêutica da leitura denominada biblioterapia e a atuação do clown hospitalar personificado no grupo Doutores da Alegria.

Conceitua-se aqui biblioterapia como uma leitura dirigida que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos, receios e angústias (CALDIN, 2010), e o clown como “uma linguagem teatral, um estado do ser no qual este se defronta com uma possibilidade de encontro com suas contradições enquanto sujeito social e indivíduo, descobrindo um caminho para desenvolvimento de sua sensibilidade” (COLAVITTO; MULLER, 2013).

Por serem ambas práticas interdisciplinares, que favorecem a pacificação das emoções, podem transitar por ambientes diversos como asilos, presídios e hospitais. As duas são práticas com potencial terapêutico e, por este motivo, sua integração no ambiente hospitalar resulta em um processo terapêutico-interativo que não se restringe somente ao viés literário ou teatral, mas em uma prática capaz de conduzir os sujeitos ao insight, introspecção e catarse de sentimentos, valores e ações.

Diante do explicitado pode-se pautar a seguinte questão-problema, considerando a biblioterapia e o teatro clown facilitadores de processos terapêuticos no ambiente hospitalar: como aproximá-los e caracterizá-los no contexto de atuação da biblioteconomia e áreas afins?

Para responder a tal questionamento, optou-se por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e documental. Qualitativa porque permite um

trabalho com um universo de significados “[...] o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1996). Exploratória porque “[...] propicia maior familiaridade com o problema, a fim de explicitá-lo (GIL, 2000)”. Documental por ser uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE; ANDRÉ, 1986)”.

2 Biblioterapia

Denomina-se terapia o conjunto de práticas psíquicas, corporais e espirituais que objetivam a harmonia da saúde do ser humano. De acordo com Darriba e Bosse (2013) a origem da palavra terapia “[...] deriva do grego *therapeia* cujo significado remete ao cuidado, atendimento e tratamento de doentes”, e Caldin (2010) conceitua-a como “a arte de cuidar do ser humano respaldando-se no conceito de *holon* [todo]”. Sobre este “cuidar” Carvalho (2004, p. 82) explicita que

[...] cuidar envolve atos humanos no processo de assistir a pessoa, dotado de sentimento e fundamentado em conhecimento [...] envolve relacionamento interpessoal que é originado no sentimento de ajuda e de confiança, de empatia mútua.

Compreende-se, a partir das proposições citadas, terapia como um conjunto de práticas que visam à assistência à saúde do ser humano de forma global, do ponto de vista físico e psicológico, sob a ótica da prevenção, do tratamento e/ou da cura. Os profissionais que trabalham com a terapia são chamados de terapeutas. O substantivo *terapeuta*, que remete ao grego *therapeuthai* do verbo *therapeuein*, significa aquele que cuida, que tem cuidado, que cuida de algo, ou serve a alguém (FERNANDES, 2002).

Os primeiros terapeutas do mundo ocidental eram chamados de Terapeutas de Alexandria (CALDIN, 2010) e pautavam sua atuação em estratégias capazes de fazer manifestar no ser humano os sentimentos mais reclusos, como ansios e angústias, por diferentes motivos, demonstrando que o simples ato de ouvir o que o outro tinha a dizer demonstrava respeito ao ser humano e era capaz de ser fator potencializador de mudanças interiores.

Neste sentido, qualquer atividade que vise a promover a saúde dos sujeitos

como, por exemplo, a atuação dos Terapeutas de Alexandria pode ser considerada também terapêutica. Sob essa ótica, duas práticas aqui são colocadas como terapêuticas, a primeira mais conhecida como biblioterapia, que trata da oralidade ou do ato terapêutico da leitura (MOSTAFA; CRUZ; BENEVENUTTO, 2013, p. 1).

A leitura com fins terapêuticos existe desde a antiguidade (FERREIRA, 2003). Cita-se aqui o exemplo dos egípcios que, conhecidos por sua espiritualidade e busca incessante do saber, tinham grande apreço por suas bibliotecas tanto que elas eram conhecidas como “casas da vida”. Ilustramos tal afirmação citando o faraó Ramsés II que entendendo o potencial terapêutico que a leitura proporciona inseriu na frente de sua biblioteca os dizeres “remédios para a alma.” (ALVES, 1982).

Do mesmo modo os gregos, que associavam livros ao tratamento médico concebendo a leitura como “a medicina da alma” (MARCINCKO, 1989). Dentre as múltiplas funcionalidades que o exercício da terapia conduz estão: ajudar os sujeitos a enxergar com maior clareza seus problemas e tomar o melhor caminho a seguir, tratar transtornos psicológicos e de personalidade, trabalhar conflitos pessoais, etc. No decorrer dos anos, a adoção de um modelo de saúde mecanicista conduziu os profissionais a um novo olhar sobre o corpo humano e sobre a doença e, com isto, a terapia assumiu facetas múltiplas e diversificadas e denominações diversas como, fitoterapia, hidroterapia (TROVO; SILVA; LEÃO, 2003), musicoterapia, arteterapia e a biblioterapia, um dos objetos deste estudo.

Desde a sua instauração, a biblioterapia possuía relação direta com bibliotecários, pois sua realização era dada em parceria entre os profissionais da informação e as equipes médicas. Em meados do século XX, o cenário foi permeado pelo início e fim da Primeira Guerra Mundial, ascensão do stalinismo, a chegada de Hitler ao poder entre outros fatos históricos. Nesse contexto, a prática da biblioterapia foi difundida e estudos voltaram-se para lapidá-la enquanto ciência.

A primeira definição de biblioterapia surgiu em 1941, advinda do *Dorland's Illustrates Medical Dictionary*, onde o termo era colocado como “[...] o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais” (ALVES, 1982, p. 55) fazendo clara alusão à aplicação da biblioterapia no contexto médico-hospitalar.

Porém, foi somente nos anos de 1930 que a biblioterapia chamou a atenção de profissionais da área biblioteconômica (ORSINI, 1982). Neste cenário destacaram-se duas bibliotecárias pioneiras no assunto, Isabel Duboir e Emma T. Foremann. Emma

foi uma das principais defensoras na época de que a prática da leitura terapêutica fosse vista como uma ciência e não como uma arte.

Além de Emma T. Foremann, Caroline Shrodes (1949 apud FERREIRA, p. 3), outra bibliotecária, também dedicou sua vida a dar notoriedade ao estudo da biblioterapia. Em sua tese, a autora definiu a biblioterapia como “um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a leitura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-lo para um uso consciente e produtivo” (CALDIN, 2001, p.34).

Considera-se uma tarefa árdua criar uma única definição para o termo biblioterapia já que durante muito tempo a prática era denominada de formas diversas. De acordo com Pereira (1996, p.41) alguns estudiosos alegavam que o prefixo *biblion* reduzia muito a dimensão da prática, e por este motivo propuseram chamá-la de *Litrapia*, *Bibliogomia*, *Biblioconselho*, etc. Tal divergência conduz a uma busca da raiz etimológica da palavra cuja finalidade é compreender melhor a prática supracitada.

A palavra biblioterapia é de origem grega e surgiu da união das palavras, *bi-blion* e *therapheia*, a primeira designa qualquer tipo de material de leitura e a segunda, significa cura ou reestabelecimento. Portanto, a biblioterapia pode ser entendida como terapia por meio da leitura. Ouaknin (1996, p. 11) afirma que ao unir as palavras terapia e leitura a prática da biblioterapia tende a ter sentido unicamente curativo, pois “[...] as palavras são bons meios de provocar modificações psíquicas naqueles a quem são dirigidas”.

Já para Buonocore (1976 apud ALVES, 1982, p. 55) *biblioterapia* é “a arte de curar enfermidades por meio da leitura” conceito este ratificado por Tews (1962 apud ALVES, 1982, p.55) como “[...] um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura planejados, conduzidos e controlados para tratamento, sob orientação médica de problemas emocionais”.

Percebe-se, a partir dos dois autores, que o termo biblioterapia não trata somente de atividades de mediação da leitura. A gênese da prática terapêutica da leitura consiste em colocar o ser humano em contato consigo mesmo e, ao encontrar em si respostas para os mais variados problemas, o processo passa a ser terapêutico, assim como diz Caldin (2010, p.31) “uma cura não só no sentido restritivo da palavra, mas no sentido alargado da busca pelo equilíbrio e da harmonia do ser total”.

Estudos pioneiros na área já concebiam a biblioterapia como mais que o sim-

ples ato de ler. A prática mostra-se instrumento eficaz no ato de envolver os atores na leitura, interagindo com eles e transportando-os de uma realidade para outra sem sair do lugar, permitindo aos pacientes vivenciar experiências agradáveis com segurança (RATTON, 1975), mostrando-se de suma importância estar inserida no contexto hospitalar onde os sujeitos portadores de patologias diversas estão em situação de internação e necessitando de acalanto.

A leitura terapêutica é uma prática dinâmica que faz com que o indivíduo, ao ler, se desenvolva de forma criativa. Os aplicadores da biblioterapia muitas vezes recorrem a artifícios que somam-se à leitura, tornando-a um exercício de leitura lúdico e terapêutico, conforme concorda Caldin (2010, p. 47) ao dizer que [...] “a narração e a dramatização de histórias, filmes, vídeos, músicas, jogos e brincadeiras fazem parte das sessões de biblioterapia onde o ludismo que acompanha o texto também tem ação terapêutica”.

Do mesmo modo, Nascimento e Rosemberg (2012) expandem ainda mais a conceituação da biblioterapia afirmando que

[...] as experiências [biblioterápicas] permitem evidenciar que o diálogo pode ser uma fonte de restituição de vida em momentos de fragilidade, angústia, desespero ou descrença [...] muitas vezes os pacientes encontram essas respostas em si, no outro, nas histórias narradas, nas experiências (com) partilhadas e nas situações humoradas criadas como no caso dos Doutores da Alegria.

A conversão da leitura em uma prática terapêutica, de acordo com Shrodes (1949 apud FERREIRA, 2003) dá-se em quatro estágios. O primeiro deles é o de identificação, no qual o indivíduo recorre a experiências vividas anteriormente para assimilar pontos em comum trabalhados na biblioterapia. O segundo é a projeção, no qual o paciente transfere para algum aspecto da leitura emoções, ideias, desejos etc., aspectos negligenciados por ele e que de alguma forma são representados na biblioterapia. O terceiro estágio se trata do envolvimento emocional do paciente, no qual ele de forma segura sente-se à vontade para liberar suas emoções. No quarto e último estágio da biblioterapia ocorre o insight, no qual o paciente externaliza o que foi trabalhado e aí é que a mudança acontece e a leitura passa a ter um viés terapêutico-humanizador.

Considerando as exposições acima sobre a biblioterapia, segue uma tabela (tabela 1) relatando as principais características da prática no ambiente hospitalar.

Biblioterapia	<ul style="list-style-type: none"> - Interdisciplinar - transdisciplinar - Terapêutica - Direcionada - Literária - Lúdica - Lazer - Interpessoal - Intrapessoal - Humanizadora - Dialógica - Catártica - Dinâmica - Dissemina informação - Media informação - Higiene Mental - Cognitiva - Social - Pacificadora - Integradora
----------------------	--

Tabela 1 - Características da biblioterapia no contexto hospitalar

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Diante do exposto infere-se que a biblioterapia é uma prática inter e transdisciplinar ao envolver várias áreas no processo de realização da atividade (bibliotecários, enfermeiros, médicos, psicólogos, etc.). A prática caracteriza-se como uma atividade dirigida tendo como meta proporcionar diálogos terapêuticos por meio da utilização de obras literárias e recursos diversos. É considerada lúdica, pois se utiliza de aspectos como a musicalidade, a teatralidade etc. Além de se tratar de uma prática terapêutica proporciona momentos de lazer e higiene mental ao levar os indivíduos a resolverem seus problemas. É facilitadora de relações intra e interpessoais, pois conduz os envolvidos a momentos de profundo autoconhecimento levando-os a se relacionarem melhor com os sujeitos à sua volta e lidar melhor com suas emoções. Envolve, além dos biblioterapeutas e pacientes, profissionais de saúde e familiares, tornando-se integradora. Possui profunda importância social, pois supre as necessidades informacionais e emocionais dos indivíduos.

3 Teatro Clown

Para compreender o motivo do sucesso da atividade dos palhaços hospitalares é necessário conhecer sua origem e trajetória, bem como o significado em sua forma de atuação. Para Jung (2008) os palhaços são arquétipos antigos, muito presentes em

diversas mitologias da história, sendo representados como agentes transgressores de normas sociais.

As mais antigas expressões dos palhaços remontam aos rituais sagrados nos quais eles eram responsáveis por dar vazão ao medo da morte. Os astecas também costumavam representar aleijões físicos e morais para provocar o riso em grandes plateias (SENA, 2011, p. 22). Castro (2005) explicita que o palhaço também fez-se presente na cultura indígena norte-americana através de arquétipos cuja função era externalizar na tribo os abusos cometidos pelos humanos. Além deles, de acordo com Thebas (2005), os palhaços também aparecem na mitologia chinesa através dos bufões que entretinham os imperadores nos palácios.

Passeando pela história, encontramos arquétipos também conhecidos como os Cícirrus e os Bufões, figuras comumente presentes na Idade Média, inseridos através da Comédia Dell Arte. Os primeiros, foram pioneiros em tirar o clown dos palcos e levá-los para as ruas e praças, pois, diante da repressão da igreja católica na chamada “Idade das Trevas” os teatros foram um a um sendo fechados e os artistas obrigados a alçar novos meios de sobrevivência.

Desde então, estes artistas passaram a adaptar progressivamente seus números, se adaptando e readaptando. É possível ver palhaços nas ruas, nas feiras e em hospitais. Os palhaços que ocupam os hospitais atualmente são chamados de clowns. Apesar de diferentes as denominações, Burnier (2001, p. 205) diz-nos que “[...] palhaço e clown são termos distintos para se designar a mesma coisa”, compreende-se neste trabalho o clown como uma manifestação artística terapêutica que permite aos profissionais esculpirem-se artistas completos, capazes de passear pelas áreas da música, da dança e da literatura.

Os clowns trabalham sob a relação de troca mútua, do si para o outro e do reconhecimento do outro para si. Quando o clown passa a inserir-se nos espaços hospitalares, ele cria

um canal privilegiado de “trânsito” de elementos essenciais a um processo contínuo de transformação, no qual a técnica artística – aliada à criatividade e à imaginação – surge como ferramenta-chave à introdução do lúdico e do humor nas diversas situações hospitalares. (WUO, 1999).

Eles não possuem somente o dom de fazer rir, mas também o de conceder o dom da cura (WARREN; SPITZER, 2013). De acordo com Koller e Gryski (2008) os palhaços ocupam hospitais desde a época de Hipócrates, já que os médicos da época

acreditavam que o humor tinha efeitos positivos sobre a saúde. O clown hospitalar colabora com a recuperação dos sujeitos em situação de internação “trocando [...] a dor pelo riso” (Wuo, 1999, p.15) propiciando mudanças significativas no quadro clínico e na humanização institucional do hospital, pois o lúdico do clown põe em foco estratégias para lidar com as adversidades da internação.

A esta mudança dá-se o nome de estado da arte, pois é quando o *clown* torna-se capaz de proporcionar uma mudança na consciência interior, transformar, dar nova forma, tornar diferente o que era: mudar, alternar, modificar, transfigurar, metamorfosear a alma, o corpo dos seres e sua fé (WUO, 1999, p. 13). Sua arte propicia a criação de novas relações entre as situações, a quebra da lógica da previsibilidade, pelo fato de propor soluções incomuns no confronto com determinadas situações do cotidiano hospitalar. A ocupação cômica em espaços hospitalares abre a possibilidade dos enfermos perceberem os acontecimentos por meio de novas perspectivas, ampliando a percepção da realidade habitualmente construída (MOREIRA, 2005).

De acordo com Wuo (1999, p. 26) a iniciação, o momento onde o ser torna-se clown, é um onde o ator perde todas as suas defesas expondo sua veia artística como canal de diálogo com o seu público, o *clown* não representa ele é o que faz (BURNIER, 2001, p. 209) e por isso ele pôde inserir-se e adquirir importância nos mais diversos setores sociais como, por exemplo, os hospitais.

Ao fazerem-se presentes em ambientes sociais pautados no cuidado à saúde o contato dos palhaços com os enfermos propicia uma forma bem estabelecida de entretenimento de crianças, adultos e idosos durante a recuperação (DIONIGI, RUCH; PLATT, 2014). E é este contato o foco do clown, já que antes de iniciar seu trabalho, o ator tem em mãos informações pré-coletadas do público e do ambiente a ser trabalhado como, por exemplo, a faixa etária, o quadro clínico e a carga informacional e social que os indivíduos carregam.

Alguns clowns são também conhecidos como “palhaços doutores”, já que atuam em hospitais. O termo supracita para identificar o trabalho terapêutico realizado por performáticos profissionais [que serve para] a promoção do bem estar físico e mental, qualidade de vida, diminuição da ansiedade e do estresse entre pacientes familiares e profissionais (WARREN; CHODZINSKI, 2005, p. 7). Como contexto de atuação do teatro *clown*, o grupo brasileiro Doutores da Alegria exemplifica a prática e auxilia em seu processo de caracterização.

A companhia de teatro brasileira Doutores da Alegria surgiu no Brasil nos anos de 1990, mas a prática do teatro clown (difundida pelo grupo) ascendeu no ano de 1986 quando Michael Christesen, ator, palhaço e fundador da *Big Apple Circus*, foi convidado a participar das comemorações do Dia do coração no *Columbia Presbyterian Babies Hospital* (LIMA et. al, 2009). Sabendo ele que estaria em um ambiente totalmente diferente do que ele, enquanto palhaço, estava habituado, resolveu desconstruir o arquétipo circense satirizando as rotinas médicas presentes naquele hospital.

O resultado desta ação ocasionou na melhora do bem-estar das crianças ali internadas e, diante disto, o hospital decidiu investir no trabalho de Michael e da *Big Apple Circus* convidando-o mais vezes para visitas ao local e a partir daí surgiu a *Clown Care Unit*. Dentre as técnicas utilizadas pelo grupo destacam-se magia, música, contação de histórias e outras habilidades que caracterizam o teatro clown a fim de atender às necessidades psicossociais específicas de cada criança. Wellington Nogueira, criador do grupo Doutores da Alegria, estava entre esta trupe de palhaços-doutores e ao retornar ao Brasil decide então criar um projeto baseado no *Clown Care Unit* do *Big Apple Circus*, batizando-o de Doutores da Alegria. (LIMA et. al, 2009).

Os Doutores da Alegria constituem uma organização sem fins lucrativos que há mais de 20 anos atua em hospitais. A trupe de palhaços se utiliza de técnicas do teatro clown, como o rosto pintado de branco e o nariz de palhaço, para levar alegria e ânimo ao público infantil hospitalizado, colaborando para a transformação do ambiente no qual se inserem. Ao fazerem uso de vocabulário inocente e dissociando nomes técnicos dos procedimentos médicos a coisas do cotidiano, como a comparação de tubos de soro com “canudinhos” (FRANÇANI et. al, 1998) os palhaços são capazes de quebrar com a institucionalização hospitalar fria, incluindo elementos novos e terapêuticos no cotidiano dos enfermos.

Desde sua criação, o grupo Doutores da Alegria tem tido destaque no que tange a cuidados com o ser humano em sua essência. Ao colocar os palhaços em contato com os enfermos, a prática do grupo culminou em mudanças de comportamento de crianças internadas. Estas crianças passaram a ser mais ativas, aceitar melhor a internação e a se comunicar bem, pois a arte, seja ela através da dramatização, da música ou da leitura, estimula substâncias que acalmam o cérebro, funcionando com ponte para as emoções e o organismo, facilitando a catarse (inexpressão de sofrimentos).

Dado seu sucesso, a atuação do teatro clown em hospitais vem culminando

em propostas no que tange a cuidados com o paciente, relacionamento interpessoal e afetivo, além de serem incluídos em outros setores, incitando também iniciativas como narrativas e leitura de histórias. (DOUTORES, 2010). O grupo dissemina seu conteúdo produzido, como resultados de suas ações, através de relatórios anuais, de cursos de capacitação, de produtos, das redes sociais, etc.

As atividades lúdicas feitas pelo grupo proporcionam para os sujeitos em situação de internação, momentos de alegria e descontração, levando-os a esquecer por alguns instantes suas tristezas, angústias e preocupações advindos da doença ou da própria internação. A interação entre clown-paciente pode ser denominada terapêutica diante da interação entre o sujeito (criador da manifestação artística), o objeto de arte (criação artística) e o terapeuta (receptor), usando recursos como simbolismo, metáforas e musicalidade para enriquecer o processo terapêutico.

Tendo em vista as características acima citadas, segue abaixo (tabela 2) as principais características do teatro clown no ambiente hospitalar:

Teatro Clown	<ul style="list-style-type: none"> · Transdisciplinar · Humanizadora · Dialógica · Terapêutica · Recreativa · Cômica · Catártica · Lúdica · Artística · Produz, busca e dissemina a informação · Dinâmica · Interpessoal · Intrapessoal · Cognitiva · Poético · Transgressora · Social
---------------------	---

Tabela 2 - Características do teatro clown no ambiente hospitalar

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

3 Aproximações entre a biblioterapia e o Teatro Clown

Ao apresentar as características das práticas biblioterapêuticas e do teatro clown, percebeu-se que as duas desenvolvem processos de comunicação distintos com a mesma finalidade, a mudança cognitiva do indivíduo, já que tais processos são estruturados em informações pré-concebidas dos sujeitos envolvidos. Na biblio-

terapia é latente o processo de mediação da informação, com vistas ao usuário, e de circulação, para fornecer conhecimento. Enquanto o clown, é curioso, logo ele está envolto nos processos de busca da informação.

Os sujeitos envolvidos nas duas práticas detêm responsabilidade social, pois inserem-se nas práticas sociais de desenvolvimento humano, sanando suas necessidades informacionais e emocionais, aproximando ainda mais o teatro clown da biblioterapia e, por consequência, da ciência da informação. Desenvolvem as relações inter e intrapessoais à medida que o indivíduo se comunica, seja através do texto ou respondendo aos estímulos artísticos dos doutores-palhaços. Além disto, mostram também que, para terem sucesso, é necessário um reconhecimento do público a ser trabalhado, tendo em vista seu estado físico e emocional, sua carga informacional, etc. Vale salientar que o foco de ambas as práticas não está no desenvolvimento dos trabalhos, e sim em como isto irá impactar nos sujeitos e no ambiente em que se inserem.

Caracterizadas as duas práticas no ambiente hospitalar, percebeu-se a nítida importância da biblioterapia e do teatro clown, pois juntas ou em separado, como aponta a bibliografia, mostraram-se ferramentas eficazes para a humanização hospitalar, pois apropriam-se do dinamismo que a arte e a literatura propiciam para tornar a hospitalização/e ou o enfrentamento da doença menos doloroso. Ambas as práticas são atravessadas pela disciplinaridade, a biblioterapia de modo interdisciplinar, pois associa-se a diversas disciplinas como a medicina, a psicologia, a enfermagem, a terapia ocupacional etc. O teatro clown de modo transdisciplinar, pois procura estimular uma nova compreensão da realidade do 'outro' através da empatia, reações e transcendendo espaços, além de poder ser desenvolvida em conjunto com outras áreas do conhecimento, não atingindo somente as relações interdisciplinares. Quanto aos componentes biblioterapêuticos, o teatro clown assemelha-se à biblioterapia ao ter potencial catártico, levando os indivíduos a externalizarem suas emoções reprimidas, o humor, e a projeção na qual o indivíduo busca em si mesmo a sua melhora de "fora para dentro", caracterizando novamente o teor terapêutico de ambas as práticas.

Outro fator em comum dá-se no trabalho lúdico. A biblioterapia não concebe mais sua prática apenas como uma "leitura terapêutica", aceita-se atualmente que a extensão da fala, a interpretação, a encenação e outros recursos artísticos ao dispor são componentes biblioterapêuticos. Na mesma vertente o teatro clown utiliza-se

de diversos recursos artísticos disponíveis na formação acadêmica de ator como a musicalidade, os gestuais, as paródias etc., além, é claro, da própria técnica clown, caracterizando e mais uma vez aproximando as práticas por seu caráter lúdico, mostrando-se ambas também bastante dinâmicas.

4 Considerações finais

A pesquisa mostrou que os objetivos propostos foram alcançados, proporcionando um maior entendimento sobre a caracterização das práticas da biblioterapia e do teatro clown e como elas ocorrem no ambiente hospitalar. Compreendemos que a relação entre terapia e biblioteconomia dá-se através da biblioterapia. Comumente conhecida como a terapia através da leitura, a biblioterapia é uma prática que envolve os sujeitos em situação de internação em um processo de catarse, identificação e introspecção, podendo ser aplicável em diversos ambientes dentre eles o hospital.

No hospital, a biblioterapia utiliza-se de técnicas que além de auxiliar no tratamento dos indivíduos internados corrobora para a humanização hospitalar, mesmo papel assumido pelo teatro clown através de suas técnicas que envolvem teatralidade e ludicidade. Através de pesquisa bibliográfica, foi possível refletir que a prática biblioterapêutica pode receber contribuições importantes do teatro clown e, com isso, perceber que ambas têm em comum aspectos como a terapia e a ludicidade, sendo ambas facilitadoras de relações intra e interpessoais, ambas buscam no diálogo fator para despertar a catarse (pacificação das emoções) e com isso auxiliar na humanização hospitalar.

Percebe-se também que ambas são práticas dinâmicas que têm a informação como fator chave. Do ponto de vista da produção, mediação e disseminação são integradoras, motivacionais e por isto têm seu papel social onde se inserem. Ao aproximar ambas as práticas, compreende-se que o clown pode contribuir no processo lúdico-biblioterapêutico tornando a biblioterapia, através de suas técnicas e dinâmicas de iniciação artística, uma prática mais dinâmica, lúdica e interativa.

Existem vários estudos comprovando a eficácia da biblioterapia em hospitais, neste sentido a visão do profissional de biblioteconomia deve perpassar os limites geográficos de uma biblioteca tradicional. Seu papel no processo biblioterapêutico-hospitalar é de levar além de uma prática auxiliar ao tratamento medicamentoso,

fornecer subsídios recreativos que legitimem a presença da biblioterapia e do bibliotecário no ambiente hospitalar.

Referências

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Rev. Bras. Bibliotecon. e Doc.** v.15, n. 1/2, p. 54 – 61, jan./jun. 1982.

BURNIER, Luiz Otávio. **A arte de Ator: da Técnica à Representação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.** n. 12, p. 32-44, 2001.

_____. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

CARVALHO, Mara Villas Boas de. A morte: a arte de cuidar na despedida. In: POKLADEK, Danuta Dawidowicz (Org.). **A fenomenologia do cuidar: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 79-94.

CASTRO, A.V. **O elogio da bobagem – palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005.

COLAVITTO, Marcelo Adriano; MULLER, Veronica Regina. O clown como proposta lúdica no ensino da arte. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 2013, Maringá. **Anais...** Paraná: Universidade Estadual de Maringá, 2013. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_01/28.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

DIAS, Rosana Righetto; BAPTISTA, Makilim Nunes; BAPTISTA, Adriana Said Daher. Enfermaria de pediatria: avaliação e intervenção psicológica. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosana Righetto (Org.). **Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 53-71.

DOUTORES DA ALEGRIA. **Doutores da Alegria: livro de atividades 2010**. [S.l.: s.n.], 2010. Disponível em: <http://www.doutoresdaalegria.org.br/wp-content/uploads/2012/05/balanco2010_baixa.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2015.

FERNANDES, Carlos Roberto. **Terapeutas do cuidado**. 2013. Disponível em: <<http://www.carlosfernandes.prosaeverso.net/visualizar.php?id=4128471>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD. Educação Temática Digital, Campinas**, v. 4, n. 2, p. 35-47. jun. 2003. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/biblioterapia.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, 2002.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. 447 p.

KOLLER, D. GRYSKI, C. The life threatened child and the life enhancing clown: Towards a model of therapeutic clowning. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, 2008, v. 5, n. 1, p. 17–25.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

LIMA, R. et al. A arte do teatro clown no cuidado às crianças hospitalizadas. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 186-193, 2009.

MASETTI, Morgana. Doutores da ética da alegria. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, vol. 9, n. 17, p. 453-458, mar./ago. 2005.

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. **Current studies in Librarianship**, v. 13, n. 1/2, p. 1-5, Spring/Fall 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOREIRA, R. **Dissonâncias cognitivas: o impacto do Doutor Palhaço numa enfermaria pediátrica**. Lisboa: Centro de Estudos da Operação Nariz Vermelho, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ipl.pt>>. Acesso em: 21 maio 2015.

MOSTAFA, Solange Puntel; CRUZ, Denise Viuniski da Nova; BENEVENUTTO, Felipe Etelvino. Fenomenologia versus Filosofia da Diferença: a Biblioterapia em questão. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, dez. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez13/Art_03.htm>. Acesso em: 10 mar. 2015.

NASCIMENTO, G. M.; ROSEMBERG, D. S. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Informação & Informação**, 12, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1747>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p.139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc- Alain. **Biblioterapia**. Edições Loyola: São Paulo, 1996.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975. Disponível em: <<http://biblioturma.objectis.net/Members/stela/revista-da-escola-de-biblioteconomia-da-ufmg-1>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

SENA, Antonio Geraldo Gonçalves. **DOUTORES DA ALEGRIA E PROFISSIONAIS DE SAÚDE: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida**. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Saúde e Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

THEBAS, Claudio. **O livro do palhaço**. Coleção profissões. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

TROVO, Monica Martins; SILVA, Maria Julia Paes; LEÃO, Eliseth Ribeiro. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v. 4, n. 11, p.483-489, jul. 2003.

WARREN, B.; CHODZINSKI, R. **An interview with Dr. Bernie Warren, clown doctor and founder of fools for health**. Teaching and Learning, Bloomington, v. 2, n. 3, p. 710, 2005.

WUO, Ana Elvira. **O Clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas**. 1999. 208 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado de Estudos do Lazer, Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.